

TLÖN, GERMANOS, LANÇAS: SOBRE OUTRA CONTINUIDADE

TLÖN, GERMANOS, SPEARS: ON ANOTHER CONTINUITY

Eduardo Fabbro
University of Toronto

Correspondência:

Center for Medieval Studies

125 Queen's Park, 3rd Floor - Toronto, Ontario - Canada M5S 2C7

E-mail: eduardo.fabbro@utoronto.ca

Resumo

O presente artigo visa analisar a fragilidade do conceito de "germano" e o seu impacto na construção de outra continuidade, uma continuidade do mundo germânico, paralela ao mundo Mediterrânico na Antiguidade Tardia. Sustentadas por malabarismos filológicos e por argumentos circulares, as "Antiguidades Germânicas" são ainda hoje base para grande parte dos estudos sobre a transição para a Idade Média e sobre a natureza das invasões bárbaras e dos reinos estabelecidos na Europa Ocidental.

Palavra-Chaves: Historiografia, Antiguidades Germânicas, Lombardos.

Abstract

This paper aims to analyze the fragility of the concept "German" and its impact in the construction of another sort of continuity, based on the continuation of the Germanic world, parallel to the Mediterranean world during Late Antiquity. Supported by wobbly philology and circular arguments, the "Germanic Antiquities" are still today the basis for a great number of studies on the transition to the Middle Ages and on the nature of the barbarian invasions and the kingdoms created in Western Europe.

Keywords: Historiography, Germanic Antiquities, Lombards.

“¿Cómo no someterse a Tlön, a la minuciosa y vasta evidencia de un planeta ordenado?”

Borges.

Continuidade/ruptura é uma destas dualidades históricas que vem perdendo apelo nas últimas décadas, cedendo lugar para leituras mais dinâmicas que, mesmo que por vezes levem o nome de continuidade, interessam-se mais por um processo de adaptação e mudança fortemente ancorado no desenvolvimento de temporalidades distintas.¹ Para o estudo do período entre o fim do Império Romano no Ocidente e o restabelecimento da ideologia imperial com Carlos Magno, essa nova perspectiva se faz através do conceito de Antiguidade Tardia. A nova periodização, que goza de uma flexibilidade bastante acentuada, propõe uma leitura do período como uma época histórica com suas próprias características e particularidades. Uma vez abandonadas as ideias de ruptura completa² ou de continuidade absoluta³, levanta-se a questão de quais elementos persistem de um período anterior e quais elementos são novos. Sabemos que, do mundo clássico, além das linhas gerais do sistema econômico e social,⁴ preservaram-se partes da administração,⁵ do inovador sistema de leis elaborado a partir do século IV⁶, do treinamento literário e da produção intelectual.⁷ O cristianismo,

¹ Para uma refutação teórica da dualidade ruptura-continuidade, ver Sahlins, Marshall. *Islands of History*. Chicago: University of Chicago Press, 1985, p. 135-56.

² cf., por exemplo, HEATHER, Peter. *The Fall of the Roman Empire: A New History of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2006; WARD-PERKINS, Bryan. *The Fall of Rome and the End of Civilization*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

³ cf., por exemplo, DURLIAT, Jean. *Les finances publiques de Diocletian aux Carolingiens (284-888)*. Sigmaringen: Thorbecke, 1990.

⁴ A continuidade econômica e social foi a base do projeto de continuidade inicial lançado simultânea, mas independentemente por A. Dopsch e H. Pirenne. Ver, sobretudo, DOPSCH, Alfons. *The Economic and Social Foundations of European Civilization*. London: Routledge & K. Paul, 1956 [1923]; PIRENNE, Henri. *Mahomet & Charlemagne*. Brussels: Nouvelle Société d'Éditions, 1937. A tese básica, da forma elaborada por Pirenne, de uma ruptura somente com a conquista árabe (conhecida como 'teoria [ou hipótese] Pirenne') foi fortemente contestada (por exemplo, FOURQUIN, Guy. *Histoire économique de l'Occident médiéval*. Paris: A. Colin, 1969.) antes de ser resgatada, com vários ajustes, nas últimas décadas. Para uma leitura recente do debate, ver WICKHAM, Chris. *Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

⁵ Por exemplo, GOFFART, Walter. *Barbarians and Romans, A. D. 418-584: The Techniques of Accommodation*. Princeton: Princeton University Press, 1980; GOFFART, Walter. "From Roman Taxation to Medieval Seigneurie: Three Notes." In *Rome's Fall and After*. London: The Hambledon Press, 1989, p. 167-212; MURRAY, Alexander C. "The Position of the Grafio in the Constitutional History of Merovingian Gaul." *Speculum* 61, no. 4 (1986): 787-805; MURRAY, Alexander C. "From Roman to Frankish Gaul: 'Centenarii' and 'Centenae' in the Administration of the Merovingian Kingdom." *Traditio* 44 (1988): 59-100.

⁶ Ver, por exemplo, EVERETT, Nicholas. "Diritto tardo romano e alfabetismo giuridico nell'Europa alto-medievale." In *Scrivere e leggere nell'alto medioevo, Settimane 59*, 213-46. Spoleto, 2012; EVERETT, Nicholas. "Lay Documents and Archives in Early Medieval Spain and Italy, c. 400-700." In Warren C. BROWN, Matthew INNES e Adam J. KOSTO *Documentary Culture and the Laity in the Early Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 63-94.

⁷ Por exemplo, ver EVERETT, Nicholas. *Literacy in Lombard Italy, c. 568-774*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003; HEN, Yitzhak. *Roman Barbarians: the Royal Court and Culture in the Early Medieval West*. New York: Palgrave MacMillan, 2007.

inegavelmente, foi elemento central de continuidade, sendo guardião de tradições, costumes e rituais.⁸ Se pretendemos manter a ‘tríplice origem’ da Idade Média - Império Romano, Cristianismo, germanos -, como defendia Jacques Le Goff ainda nos anos 1960,⁹ resta-nos a questão: quais elementos de continuidades os germanos ofereceram para Idade Média?

Uma breve anedota, narrada por Paulo Diácono, pode nos fornecer algumas pistas. Era uma vez - pois assim começam as histórias - uma prostituta que teve sétu-plos (se te parece impossível, intervém nosso narrador, releia as histórias antigas e encontrarás mulheres que tiveram não só sete, mas mesmo nove filhos em um só parto; acontece muito no Egito, nos assegura o autor). Esta mulher, mais cruel que todos os monstros, colocou os pequeninos em uma piscina para que morressem. Neste momento, o rei lombardo Agelmundo passando por lá, deparou-se com as sete crianças abandonadas. Quando o rei se aproximou, usando a lança que carregava para virar as crianças de barriga para cima, uma das crianças segura a lança do rei. Esse, movido por compaixão e impressionado pelo gesto, resgatou o menino, prevendo que esse teria um grande futuro. A criança recebeu o nome de Lamissio, da palavra ‘lama’ que, segundo Paulo Diácono, na língua dos lombardos significava *piscina*. Lamissio cresceu e tornou-se um jovem forte, e eventualmente, após a morte de Agelmundo, reinou sobre os lombardos. Foi o campeão dos Lombardos quando estes tiveram de enfrentar a campeã das amazonas para atravessar um rio e conduziu seu povo a vitórias sobre os *Vulgares* (‘búlgaros?’).¹⁰ Lamissio marca o fim do período em que os lombardos eram um povo pequeno e o início dos lombardos como grandes conquistadores.

A história toda parece ser uma criação de Paulo Diácono, a partir de uma etimologia um tanto fajuta de *lama* - que não parece vir de uma ‘língua lombarda’ e sim do latim, sendo sinônimo de *lacus*, significando um pequeno poço d’água¹¹ - com ‘Lamissio’, um dos nomes que encontrou na lista de reis no Edito de Rothari. A história, assim como a etimologia do nome, lembram Moises, cujo nome Isidoro imaginava significar ‘tirado da água’,¹² também uma figura fundamental para a história do ‘povo eleito.’ Walter Goffart sugeriu que Lamissio prefiguraria, dentro da estrutura da *História dos Lombardos*, Grimoaldo: ambos filhos de prostitutas, ambos resgatados de quase desastres (no caso de Grimoaldo a invasão ávara) e ambos figuras heróicas que marca-

⁸ Ver, especialmente, BROWN, Peter. *The World of Late Antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammad*. London: Thames and Hudson, 1971.

⁹ LE GOFF, Jacques. *La Civilisation de l'Occident médiéval*. Paris: Arthaud, 1967, p. 27-64.

¹⁰ Paulo Diácono, *História dos Lombardos*, I, 15.

¹¹ Waitz, em sua edição, descarta a possibilidade de uma etimologia germânica para *lama*. Ver, *Scriptores rerum Langobardorum et Italicarum*, ed. G. Waitz, MGH, SS. rer. Lang. Hannover, 1878, p. 55, nota 1. Ver também Graus, František. *Volk, Herrscher und Heiliger im Reich der Merowinger*. Prague: Tschechoslowakische Akademie der Wissenschaft [Nakladatelství Československé akademie věd], 1965, p. 323-23; cf. HAUCK, Karl. "Lebensnormen und Kultmythen in germanischen Stammes- und Herrschergenealogien." *Saeculum* 6 (1955): 186-223, aqui 207-08.

¹² Isidoro, *Etimologias*, 7.6.45; também em Josefo, *Ant.* 2.228.

ram rupturas na história dos lombardos. A associação Moises-Lamissio-Grimoaldo forma um dos focos heróicos produzidos por Paulo Diácono.¹³

Existe, no entanto, outra forma de se contar essa história. Certo dia, Agelmundo se depara com 7 crianças abandonadas em uma *piscina*. Com a lança real, o rei vira as crianças de barriga para cima: uma delas, um menino, segura a lança real.¹⁴ O rei, chocado, ordena que o menino seja resgatado, prevendo um grande futuro para ele. Por que ele fez isso? Porque ao tocar a lança real - não uma simples lança, mas a lança sagrada do rei - o menino repetiu o gesto que todos os reis lombardos faziam para tomar o poder: apoderar-se da lança mágica, como símbolo de seu novo status. Mal sabia o menino - e muito menos Paulo Diácono, que reportava fielmente uma fábula que ouvira e não entendera direito -, mas ao pegar a lança, ele havia sido adotado pelo rei, e agora fazia parte da descendência sagrada de Odin. Como sabemos que os inimigos de Agelmundo e Lamissio eram os Búlgaros - no caso, os hunos - podemos afirmar que esse evento marca a origem da monarquia guerreira (*Heerkönigtum*) dos lombardos, que começou em algum lugar da Europa Central, onde os esses (?) entraram em contato com as tribos nômades mais próximas do ocidente.¹⁵

O mais surpreendente por trás da diferença das duas histórias é que, no que se refere a Lamissio e aos lombardos, ambas as histórias utilizam a mesma fonte: Paulo Diácono. É fato que Lamissio é mencionado em outras fontes, uma delas certamente anterior a *História dos Lombardos* de Paulo,¹⁶ mas tudo o que nos trazem essas fontes é seu nome. A parte as colocações de Paulo Diácono, escritas no final do séc. VIII, não temos nenhuma informação sobre a natureza da monarquia lombarda para o período de Lamissio - início do séc. V? - ao lado das magras informações que possuímos do prólogo de Rothari (que certamente não fala nada de Odin, por exemplo).¹⁷ E, consi-

¹³ GOFFART, Walter. *The Narrators of Barbarian History (A.D. 550-800): Jordanes, Gregory of Tours, Bede, and Paul the Deacon*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

¹⁴ A passagem em Paulo diz: “*Qui [Agelmundus] cum equo retento miserandos infantulos miraretur, hastaque, qua manu gerebat, huc illucque eos inverteret, unus ex illis iniecta manu hastam regiam comprehendit.*” (Hist. 1.15). ‘*Hastam regiam*’ pode ser traduzido como ‘a lança real’, ou como ‘a lança do rei’ (equivalente a ‘*hastam eius*’). Se os dois termos parecem sinônimos, para as duas leituras da história a diferença é significativa. Para a segunda versão, a ‘lança real’ adquiriu um valor simbólico e quase institucional. No entanto, considerando que a mesma lança é referida no início da frase com ‘*hasta qua manu gerebat*’, i.e. uma lança que [o rei] tinha em mãos, a tradução ‘lança do rei’ é, provavelmente, mais próxima da intenção original do autor. Ver nota 16, abaixo.

¹⁵ A descrição é baseada em GASPARRI, Stefano. “Kingship Rituals and Ideology in Lombard Italy.” In Frans THEUWS e Janet NELSON (eds.). *Rituals of Power: from Late Antiquity to the Early Middle Ages*. Leiden: Brill, 2000, p. 95-114, aqui, p. 98-102, . No entanto, ele se vale de referências mais antigas. Ver, especialmente, Höfler, Otto. “Das germanische Kontinuitätsproblem.” *Historische Zeitschrift* 157, no. 1 (1938): 1-26.

¹⁶ O prefácio do *Edito de Rothari*, mencionado acima, é a menção mais antiga. A segunda menção está na *Origo gentis Langobardorum*, recentemente datada do séc. VII (Bracciotti, A., ed. *Origo gentis Langobardorum: introduzione, testo critico, commento*. Roma: Herder, 1998.). A tradição manuscrita dessa obra, no entanto, é bastante posterior. Ver EVERETT, *Op. Cit.*, p. 92-93.

¹⁷ A lança aparece, de fato, como um objeto relacionado ao rei. No entanto, a única menção de *hasta regia* é na passagem citada acima (HL 1.15). Em uma sociedade onde o símbolo de status era o guerreiro montado, o prestígio da lança não é por demais surpreendente. O uso da lança como símbolo de poder

derando a dependência literária de Paulo Diácono da obra de Jordanes, sobretudo no que toca o tema de ‘grandes migrações’, é possível que a história de Lamissio nunca tenha acontecido.¹⁸ Considerando a disponibilidade de fontes, se os lombardos tiveram uma história anterior ao contato com as fontes romanas, essa história está perdida para nós.

Se as fontes para a monarquia lombarda são tão escassas, como foi possível reconstruir a história nos moldes da segunda versão? A metodologia por trás dessa análise histórica é baseada no estudo das ‘Antiguidades Germânicas’¹⁹: um campo criado sobretudo a partir da filologia germânica do século XIX, somada aos avanços da ‘história constitucional’ alemã (*Verfassungsgeschichte*) - uma abordagem tipicamente alemã da história social, com uma forte influência do direito - e da arqueologia.¹⁹ Vejamos como esse método produziu essa visão específica dos eventos.

A idéia de uma realeza militar (*Heerkönigtum*), surge de uma leitura da *Germânia* de Tácito, do onde vem também a idéia de uma comitiva militar (*Gefolgschaft*). A partir dessa idéia, surge o conceito de uma monarquia militar baseada não na monarquia tradicional germânica (que seria eletiva), mas sim no poder desse grupo guerreiro reunido às voltas de um líder: o cimento desta união seria, sobretudo, a vitória e o butim, tema que se tirou de canções épicas, como a *Canção de Hildebrando*, o poema anglo-saxão *Beowulf*, além da literatura nórdica. Essa distribuição de bens seria o princípio básico do feudalismo, que surgiria uma vez que as grandes migrações tivessem um fim, sendo, por tal, a aristocracia medieval herdeira dessa pré-aristocracia germânica formada às voltas da monarquia militar. Essas instituições germânicas seriam parte da

não se restringe aos Lombardos: foi usada pelos francos, mas também pelos imperadores romanos antes deles. SEE, Klaus von. *Deutsche Germanen-ideologie: vom Humanismus bis zur Gegenwart*. Frankfurt: Athenäum Verlag, 1970, p. 76.

¹⁸ Sobre as ‘grandes migrações’ como uma fabricação literária, ver GOFFART, Walter. *Barbarian Tides: The Migration Age and the Later Roman Empire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006. No último século, a arqueologia foi utilizada para comprovar os relatos de migrações encontrados nas fontes, por exemplo, BIERBRAUER, Volker. "Aspetti archeologici di Goti, Alamanni e Longobardi." In *Magistra Barbaritas*, Giovanni P. CARRATELLI (ed.), 445-508. Milan: Libri Scheiwiller, 1984; BIERBRAUER, Volker. "Archäologie und Geschichte der Goten vom 1.-7. Jahrhundert: Versucht einer Bilanz." *Frühmittelalterliche Studien* 28 (1994): 51-171; CHRISTIE, N. *The Lombards*. Oxford: Blackwell, 1995; HEATHER, Peter. *The Goths*. Oxford: Oxford University Press, 1996. Esse modelo de interpretação do material arqueológico, que busca identificar povos e seus movimentos foi severamente criticado nas últimas décadas: ver especialmente BRATHER, Sebastian. "Ethnic Identities as Constructions of Archaeology: The Case of the Alamanni." In GILLETT, Andrew (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002, p. 149-76; BRATHER, Sebastian. "Dwelling and Settlement among the Lombards." In Giorgio AUSENDA, Paolo DELOGU & Chris WICKHAM. *The Langobards before the Frankish Conquest: an Ethnographic Perspective*. Woodbridge: Boydell Press, 2009, p. 30-68; FEHR, Hubert. "Volkstum as Paradigm: Germanic People and Gallo-Romans in Early Medieval Archaeology since the 1930s." In Andrew GILLETT (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002, p. 177-200; FEHR, Hubert. *Germanen und Romanen im Merowingerreich. Frühgeschichtliche Archäologie zwischen Wissenschaft und Zeitgeschehen*. Göttingen: Hubert & Co. GmbH & Co. KG, 2010; HALSALL, Guy. *Settlement and Social Organization: the Merovingian Region of Metz*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995; HALSALL, Guy. *Barbarian Migration and the Roman West, 376-568*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2007.

¹⁹ A esse respeito, ver GOFFART, Walter. "Two notes on Germanic Antiquities Today." *Traditio* 50 (1995): 9-30.

contribuição dos germanos para Idade Média: as nações europeias, surgidas após a conquista germânica do império, seriam formadas a partir desse conceito político levado pelo grupo social às voltas da monarquia. Finalmente, esta monarquia militar também tinha uma base religiosa (*Sakralkönigtum*); esta comitiva militar era de fato um grupo religioso ligado ao culto de Odin, o deus da morte no panteão nórdico, cujo conhecimento vem de alguns indícios em textos escandinavos do século XIII em diante. O rei militar era visto como descendente de Odin e, por tal, sagrado.²⁰

Tendo estas informações em mente, podemos entender o salto entre o primeiro e o segundo relato. A lista real do Edito de Rothari afirma que Agelmundo era da família dos Guggingus. A Edda em prosa, um texto do séc. XIII, escrito na Escandinávia (então cristã há pelo menos 200 anos), sugere que Gungnir é o nome da lança mágica de Odin. Logo, a conexão entre a monarquia lombarda e o culto de Odin pode ser estabelecida, assim como a importância sagrada da lança, que concorda com passagens em Paulo Diácono onde a lança é de alguma forma associada à monarquia. Além disso, Tácito também menciona que um dos ritos de maioria dos germanos era a passagem de uma *framea* (provavelmente uma espécie de lança). Tendo em mente esse contexto cultural, podemos estabelecer que, quando o jovem Lamissio agarrou a lança real, ele repetia um gesto de adoção para dentro da família real: por agarrar a lança, ele se tornou um descendente de Odin.

Se focarmos na documentação coeva referente aos lombardos, todo esse contexto cai por terra. Não temos nenhum indício de que a monarquia lombarda fosse originalmente ligada a um suporte pagão: o registro mais antigo, o Edito de Rothari contém poucas referências religiosas, todas cristãs.²¹ Em nenhum momento, nossas fontes retratam os reis lombardos - ou qualquer realeza germânica, de fato - como sagrado ou divino.²² Da mesma forma, não temos nenhuma referência que confirme a existência de uma comitiva militar nos moldes de uma sociedade religiosa ou como instituição fundamental da monarquia.²³ Finalmente, a conexão fundamental entre a família real lombarda e Odin, o nome *Guggingus*, requer certa boa fé para ser identificado com a lança Gungnir da literatura nórdica: sobretudo se mantivermos em mente que 'guggingus' é uma das formas que encontramos nos manuscritos, que contam também

²⁰ O melhor compêndio sobre os conceitos centrais das 'Antiguidades Germânicas', como *Heerkönigtum*, *Gefolgschaft*, *Sakralkönigtum* é ainda WENSKUS, Reinhard. *Stammesbildung und Verfassung: Das Werden der frühmittelalterlichen gentes*. Köln: Böhlau Verlag, 1961. Para o encadeamento das idéias e a ligação com o conceito de continuidade germânica, ver HÖFLER, "Das germanische Kontinuitätsproblem." Comitivas militares germânicas como origem do feudalismo: SCHLESINGER, W. "Herrschaft und Gefolgschaft in der germanisch-deutschen Verfassungsgeschichte." *Historische Zeitschrift* 176 (1956): 225-75.

²¹ *Edito de Rothari*, prologo.

²² GRAUS, *Volk, Herrscher und Heiliger im Reich der Merowinger*, PICARD, Eve. *Germanisches Sacralkönigtum*, Skandinavistische Arbeiten. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1991; MURRAY, Alexander C. "Post vocantur Merovingii: Fredegar, Merovech, and 'Sacral Kingship'." In *After Rome's Fall: Narrators and Sources of Early Medieval History. Essays presented to Walter Goffart*. Toronto: University of Toronto Press, 1998, p. 121-52.

²³ GRAUS, František. "Herrschaft und Treue: Betrachtungen zur Lehre von der germanischen Kontinuität." *Historica* 12 (1966): 5-44.

com 'gungingus', 'cugingus' ou 'gugintus'. Para relacionarmos a importância da lança com um culto a Odin, devemos colocar de lado todas as referências clássicas que incluem a lança como símbolo do poder, como Constantino, Maurício ou Longuino.²⁴ Sem o suporte de fontes escritas 500 anos antes ou 500 anos depois, a segunda versão da história torna-se impossível.

Leituras desse tipo são o resultado da grande produção vinculada à metodologia da 'antiguidade germânica' e representam uma outra continuidade possível dentro do quadro da antiguidade tardia. Essa continuidade paralela liga as instituições descritas por Tácito ao mundo pós-Romano de francos, lombardos e godos. No entanto, ao contrário da continuidade da civilização clássica, constatada pelo fato que, após o fim do Império Romano no ocidente, várias fontes diferentes - literárias, arqueológicas, diplomáticas, legais, entre outras - reportam de forma consistente à um passado romano, a continuidade germânica vem da construção de um passado a partir da associação de várias fontes diferentes. A justificativa para a associação de fontes tão dispersas é a idéia de que todas elas partiram de uma sociedade única e estável durante todo o período. Independente da distância geográfica (do Mediterrâneo à Escandinávia) ou temporal (do séc. I de Tácito ao séc. XIII-XV das sagas nórdicas), a essência germânica permaneceria uma só.

Esse pressuposto - que o mundo germânico é um todo estável no espaço e no tempo - possui duas falhas essenciais. Em primeiro lugar, existe o questionamento óbvio que sociedades não permanecem estáveis por longos períodos de tempo. A noção do século XIX da existência de grandes grupos culturais na Europa, definidos por grupos linguísticos - durante algum tempo vistos como 'raças' - foi abandonado há bastante tempo. De fato, considerar tal estabilidade dentro de grupos linguísticos resultaria, por exemplo, na possibilidade de se usar a Carta de Caminha para se compreender a constituição romena de 1991. O grande número de documentos sobre Portugal do séc. XV e sobre a Romênia do séc. XX - e sobre a imensa distância espacial e temporal entre os dois - imediatamente descartam essa possibilidade: a falta de documentação sobre a região da atual Alemanha no séc. I e a Escandinávia no séc. XIII não possibilitam uma refutação tão evidente.

O segundo grande problema desta abordagem é o fato de se basear em um grupo que não existe em nossas fontes. Os germanos surgem na literatura romana com César, após a conquista da Gália. César, para justificar porque avançou até o Reno e não mais, criou - e não descobriu - um povo, diferente dos gauleses, a quem chamou de Germanos.²⁵ Estes seriam mais ferozes, porém mais simples e pobres e, por tal, de pouco proveito para Roma. Os 'germanos' de César pouco se diferenciavam dos celtas—conceito antigo na etnografia grega: a historiografia do século XIX chegou mes-

²⁴ Como sugere HÖFLER, "Das germanische Kontinuitätsproblem.", p. 17.

²⁵ FEHR, *Germanen und Romanen*; JARNUT, Jörg. "Germanisch. Plädoyer für die Abschaffung eines obsoleten Zentralbegriffes der Frühmittelalterforschung." In Walter POHL. *Die Suche nach den Ursprüngen: von der Bedeutung des frühen Mittelalters*. Viene Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, p. 107-13.

mo a questionar se esses ‘germanos’ não seriam, de fato, celtas.²⁶ De qualquer forma, as populações da margem esquerda do Reno causaram problemas para Roma, culminando na emboscada na “Floresta de Teutoburgo” no ano 9 d.C. A popularidade dos ‘germanos’ levou Tácito a produzir uma obra cujo intento era precaver os romanos dos riscos apresentados por eles. Usando elementos da etnográfica clássica, assim como o relato de César, a *Germânia* descreve os costumes e as particularidades dos germanos. Mas por trás desse ensaio etnográfico, Tácito buscava salientar a decadência moral da Roma de Domiciano: Tácito transformou os ‘germanos’ em ‘bons selvagens,’ modelos do que os romanos haviam sido antes da corrupção do império. Seu interesse na veracidade da sua descrição dos germanos era bastante superficial.²⁷ À parte a contribuição desses dois grandes nomes da literatura latina, o mundo grego não considerou a adição dos germanos significativa para alterar seu modelo de povos bárbaros para o Ocidente, tradicionalmente divididos entre celtas e cítios. Após Tácito, o termo deu origem ao nome de duas províncias romanas no Reno - *Germania I e II* - mas foi praticamente abandonado como qualificativo étnico.

No final do século IV, o termo havia sido praticamente esquecido. No lugar de ‘germanos’, os povos da margem oposta do Reno eram identificados como francos, alamanos ou saxões. Outro super-grupo foi construído: godos, incluindo não somente os grupos que identificaríamos como godos, mas também vândalos, gépidas e mesmo álanos. Não existe nenhum indício que a etnografia romana considerasse o super-grupo ‘godos’ como relacionando aos ‘francos’ ou ‘alamanos’. Seja como for, uma vez que nos distanciamos do discurso puramente etnográfico, a imagem que temos é de um grande número de povos diferentes do outro lado da fronteira. Um catálogo das províncias do império escrito no século IV enumera os povos bárbaros na fronteira: longe de elencar ‘germanos’, o autor enumera mais de cinqüenta povos diferentes.²⁸

Mas tinham esses povos uma consciência de pertencerem a um único grupo? Em outras palavras, qual era a percepção que os povos do outro lado da fronteira tinham deles mesmos? É difícil saber: nenhum deles deixou qualquer evidência escrita ou relato autóctone. Tudo o que sabemos, sabemos através das fontes romanas já mencionadas. Mas ao que tudo indica, os povos bárbaros não se consideravam uma unidade em oposição a Roma. Durante as invasões do século V, observamos como esses povos combatiam entre si e se aliavam a Roma tão facilmente quanto a outros po-

²⁶ Por exemplo, FEIST, S. "Das Volkstum der Kimbern und Teutonen." *Zeitschrift für schweizerische Geschichte* 9 (1929): 129-60. Ver a esse respeito, FEHR, *Germanen und Romanen*, p.27-29.

²⁷ Ver LUND, A. A. "Zur Gesamtinterpretation der *Germania* des Tacitus." *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II, no. 33/2 (1991): 1857-988.

²⁸ Listadas como "*gentes barbarae, quae pullulaverunt sub imperatoribus*" (povos bárbaros que pululavam sob os imperadores), são 68 no total (contando com os povos listados na Mauretania). *Laterculus Veronensis*, 13-14, in *Notitia dignitatum utriusque imperii*, ed; O. SEECK (Frankfurt, 1876). ver Goffart, *Barbarian Tides*, p. 41.

vos bárbaros. Em momento algum vemos ações conjuntas ou tentativas de se criar uma frente contra os romanos.²⁹

Por muito tempo se acreditou em uma percepção de unidade lingüística, uma oposição entre o latim e um conjunto de línguas semelhantes porque ‘germânicas’. Mesmo aceitando a existência de grandes grupos lingüísticos como uma realidade empírica, e não somente um modelo lingüístico - o que parece improvável, considerando a velocidade com que uma língua gera dialetos, especialmente se separada em diversas comunidades -, sabemos hoje que a língua não é um traço tão importante para a construção de grupos como se pensou anteriormente.³⁰

A consciência de unidade entre os povos de língua germânica do outro lado do Reno surge somente após o século IX. Mas para tal conceito, nossas fontes usam ‘*theodiscus*’ ou ‘*teutonicus*’, que eventualmente produzirá ‘*Deutsch*’ e não ‘germano’.³¹ O termo *Germânia* manteve-se em uso, mas no sentido geográfico que adquiriu durante o baixo império. Falava-se de *Gália*, *Germânia* e *Itália*. De tal forma que, recentemente, Jörg Jarnut sugeriu que seria mais fiel às fontes traduzir ‘*Hlodowicus Germanicus*’ como Luis, ‘que reina sobre a Francia na margem direita do Reno’ e não como Luis, o Germânico, visto que o termo ‘germano’ era um termo exclusivamente geográfico.³²

A idéia de se escrever a história das ‘antiguidades germânicas’, em oposição à antiguidade clássica surgiu com os humanistas. Enquanto o humanismo italiano se esforçava por desacreditar qualquer cultura a norte dos Alpes - com sua caligrafia que achavam ilegível e suas catedrais de gosto duvidoso - como ‘góticos’, a resposta do humanismo alemão foi a curiosidade crescente pelo próprio passado e pelo excepcionalismo alemão que se manifestaria com a Reforma.

O evento que alavancou a construção desse novo campo foi a descoberta da *Germânia* de Tácito no séc. XV. A obra do séc. I d.C. teve pouco sucesso em seu próprio tempo. Considerando que a ameaça germânica do século I não se materializou e a fronteira problemática do império eventualmente se tornou o Danúbio, e não mais o Reno, o panfleto de Tácito tombou no esquecimento. Quatro séculos depois, enquanto francos, godos, vândalos e burgúndios ocupavam os quatro cantos do Império do Ocidente, o único interesse que Cassiodoro encontrou na *Germânia* foi uma referência sobre âmbar.³³

Para os alemães do séc. XV, no entanto, Tácito forneceu a possibilidade de construir um passado glorioso comparável ao mundo clássico; forneceu também aos protestantes munição para estabelecer uma superioridade moral dos alemães contra a decadência da Igreja de Roma. Enquanto o Iluminismo - herdeiro, nesse ponto, do

²⁹ Jarnut, "Plädoyer", p. 109-10

³⁰ Walter POHL e Helmut REIMITZ, eds. *Strategies of Distinction: The Construction of Ethnic Communities, 300-800*. Leiden: Brill, 1998, p. 17-69.

³¹ Jarnut, "Plädoyer", p. 110-11

³² Ibid. p. 110

³³ Cassiodorus, *Var.* 5.2. (based on Tacitus, *Germânia*, 45). Ver GOFFART, *Barbarian Tides*, p. 49.

Renascimento - reelaborava conceitos da antiguidade clássica, o mundo de língua alemã criava a versão tedesca de um passado dourado: o estudo das 'Antiguidades Germânicas'.³⁴

Durante o séc. XIX, pensadores alemães como Jacob Grimm lançaram as bases para a construção de um conhecimento sobre esse suposto mundo germânico, buscando paralelos lingüísticos, evidências filológicas e, em dado momento, raciais.³⁵ Dada a ausência quase total de fontes, e a possibilidade de elencar como fonte qualquer documento que pudesse ser associado com o mundo 'germânico',³⁶ o resultado foi a criação de um universo extremamente maleável aos ventos políticos e ideológicos. A organização dos germanos antigos passou a ser a justificativa ideológica para a organização dos alemães modernos. Durante o séc. XIX, sobretudo após a Primavera dos Povos (1848), a nascente escola constitucional alemã produziu uma imagem dos germanos como igualitários e democráticos. Os reis eram parte de uma nobreza, mas o governo real da sociedade era feito por assembleias de homens livres. Esse ideal de liberdade seria a grande contribuição dos germanos às nações européias, em oposição ao autoritarismo do Império Romano Tardio.³⁷ Com a derrota do Segundo Reich, uma 'Nova Escola' (*neue Lehre*) surgiu, contestando os achados anteriores: a democracia dos germanos antigos era apenas uma ilusão da burguesia alemã do séc. XIX. A liberdade germânica teria sido abandonada face ao crescimento das comitivas militares e o fortalecimento da aristocracia. Essa seria o centro real da sociedade germânica e o vetor de continuidade ligando as 'Antiguidades Germânicas' à Idade Média. Ao mesmo tempo em que os pensadores alemães abandonavam a leitura democrática dos germanos antigos, também colocavam de lado a leitura 'racionalista': segundo a nova doutrina, só entenderíamos os germanos se focássemos no que tinham de emocional e primitivo.³⁸ No lugar dos germanos livres, democráticos e metódicos - que tanto nos lembram da burguesia alemã do séc. XIX -, a nova escola alemã elaborou germanos belicosos, organizados em grupos ritualísticos às voltas de um líder carismático e divino—que trazem a mente um momento muito mais negro da história alemã com a SA e a SS.³⁹ Como se é de imaginar, a 'Nova Escola' sofreu um grande golpe com a queda

³⁴ Sobre esse processo, conferir SEE, *Deutsche Germanen-ideologie*.

³⁵ Ver, por exemplo, GRIMM, Jacob. *Deutsche Rechtsaltertümer I*. 15th ed. Hildesheim: Olms-Weidmann, 1992.

³⁶ Ver, por exemplo, a abrangência dos autores incluídos na *Monumenta Germaniae Historica*.

³⁷ Por exemplo, BRUNNER, Heinrich. *Deutsche Rechtsgeschichte*. 3rd ed. Berlin: Verlag von Druncker / Humblot, 1961; WAITZ, Georg. *Deutsche Verfassungsgeschichte*. Kiel: Schwers'sche Buchhandlung, 1847.

³⁸ Ver, por exemplo, GRØNBECH, Vilhelm. *Kultur und Religion der Germanen*. 3 vols. Hamburg: Henseatische Verlagsanstalt, 1937.

³⁹ Ver, por exemplo, HÖFLER, Otto. *Kultische Geheimbünde der Germanen*. Frankfurt: Verlag Moritz Diesterweg, 1934; Höfler, "Das germanische Kontinuitätsproblem." Ver também: DANNENBAUER, Heinrich. "Hunderschaft, Centena und Huntari." *Historisches Jahrbuch* 62-69 (1949): 155-219; DANNENBAUER, Heinrich. *Herrschaft und Staat im Mittelalter*, *Historisches Jahrbuch*. Darmstadt: H. Gentner, 1956; MAYER, Theodor. *Mittelalterlich Studien*. Lindau: J. Thorbecke, 1959; SCHLESINGER, "Herrschaft und Gefolgschaft in der germanisch-deutschen Verfassungsgeschichte." Para o ambiente in-

do regime nazista, mas, apesar da forte crítica,⁴⁰ muito da produção anterior foi recuperada nas décadas que seguiram a Segunda Guerra. Atualmente, várias das idéias das 'Antiguidades Germânicas' ainda povoam textos acadêmicos, por vezes de grande qualidade técnica.⁴¹

O que mantêm o interesse nos 'germanos' e nas 'Antiguidades Germânicas'? Recentemente, Jörg Jarnut levantou duas hipóteses para justificar o apego ao conceito 'germânico'. Em primeiro lugar, ele sugeriu que, sobretudo em obras de divulgação, seria muito mais fácil falar de 'germanos' do que nomear populações que o leitor leigo desconheceria por completo, como gépidas ou hérulos. O termo 'germano' consagrado pelo uso constante e manter-se-ia por facilitar a divulgação científica. Em segundo lugar, e muito mais convincente, Jarnut propõe que a idéia de uma comunidade essencialmente estável seria mantida por fornecer uma solução para o dilema das fontes. Assim, sugere-nos o autor, para se pesquisar as origens da monarquia vândala, não existem fontes; mas se os consideramos 'germanos', podemos utilizar a *Germânia* de Tácito; dúvidas sobre os grupos guerreiros dos turíngios? Novamente, se os considerarmos 'germanos' podemos consultar Tácito. Se Procópio nos informa muito pouco sobre o paganismo dos gépidas, certamente a mitologia escandinava pode nos ajudar, contanto que aceitemos a unidade dos 'germanos'.⁴² Em um campo onde as fontes são pouquíssimas, a possibilidade de se valer de um vasto inventário de evidências possíveis - mesmo que improváveis - é extremamente tentador. O mundo das 'antiguidades

lectual da época, assim como a permeabilidade de idéias ligadas ao nazismo, ver GINZBURG, Carlo. "Mitologia germanica e nazismo. Su un vecchio libro de Georges Dumezil." In *Miti, Emblemi, Spie*. Turin: Einaudi, 1986, p. 210-38.

⁴⁰ A produção acadêmica em oposição às 'Antiguidades Germânicas' é vasta. Infelizmente, pouco foi produzido em português ou traduzido. Uma boa introdução pode ser encontrada em SILVA, Marcelo Cândido. *A realeza cristã na Alta Idade Média*. São Paulo: Alameda, 2008. Os trabalhos mais importantes a serem consultados em inglês são GOFFART, Walter. *Rome's Fall and After*. London: Hambledon Press, 1989; MURRAY, Alexander C. "Reinhard Wenskus on 'Ethnogenesis', Ethnicity, and the Origin of the Franks." In GILLET, Andrew (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002; GOFFART, *Barbarian Tides*. Especificamente sobre a noção de monarquia sagrada, ver MURRAY, "Post vocantur Merovingii" Para uma crítica à teoria de etnogênese e desdobramentos mais modernos das 'Antiguidades Germânicas', confira as contribuições em GILLET, Andrew (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002; GILLET, Andrew. "Ethnogenesis: a Contested Model of Early Medieval Europe." *History Compass* 4, no. 2 (2006): 241-60. Mesmo na historiografia alemã, o estudo das 'Antiguidades Germânicas' nunca foi unânime; ver, por exemplo, GRAUS, *Volk, Herrscher und Heiliger im Reich der Merowinger*; GRAUS, "Herrschaft und Treue: Betrachtungen zur Lehre von der germanischen Kontinuität."; SEE, *Deutsche Germanen-ideologie: vom Humanismus bis zur Gegenwart*; SEE, Klaus von. *Kontinuitätstheorie und Sakraltheorie in der Germanenforschung*. Darmstadt: Anthenäum Verlag, 1972; PICARD, *Germanisches Sacralkönigtum*.

⁴¹ O grande responsável pelo resgate de conceitos ligados as 'Antiguidades Germânicas' foi WENSKUS, *Stammesbildung und Verfassung*. A obra, central para o desenvolvimento do conceito de 'etnogênese', foi o ponto de partida para vasta obra de Herwig Wolfram, Walter Pohl, e vários outros, ligados a chamada "Escola de Viena". A coleção *Transformations of the Roman World*, financiada pela Comissão Científica Européia, foi fundamental para a difusão dos conceitos elaborados em Viena para um âmbito europeu. Ver, especialmente, os volumes: Hans-Werner GOETZ, Jörg JARNUT, e Walter POHL (eds.) *Regna and Gentes*. Leiden: Brill, 2003; POHL, Walter, ed. *Kingdoms of the Empire*. Leiden: Brill, 1997.

⁴² JARNUT, "Plädoyer", p. 11-12.

germânicas', tornou-se muito completo e elegante para não ser verdade. É praticamente irresistível.

Voltando a questão de qual seria a continuidade germânica na Idade Média, a resposta é clara. O mundo das 'Antiguidades Germânicas', tão belamente elaborado, continua vivamente na historiografia sobre a Idade Média; no medievo propriamente dito, no entanto, carece de realidade: ao menos, carece de realidade em nossas fontes.

Em 1940, Jorge L. Borges publicou uma história intrigante no jornal argentino *Sur*.⁴³ Contou ele que um dia, em um jantar, um amigo lhe surpreendeu com uma frase sagaz: "Espelhos e a cópula são abomináveis, pois ambos multiplicam os números dos homens." O amigo negou a autoria, e afirmou tê-la lido em uma entrada de uma enciclopédia, como sendo atribuída a um herético de *Uqbar*. Ao verificar que, na cópia que possuía da mesma enciclopédia tal entrada não existia, Borges e o amigo passam a tentar encontrar rastros desta civilização perdida. O artigo de fato existia em uma cópia única da tal enciclopédia, mas os dados eram mínimos. O pouco que descobriram situava *Uqbar* no Oriente Médio e dava alguns dados sobre as estranhas tendências de sua filosofia e literatura. Toda produção literária de *Uqbar* centrava-se em dois reinos imaginários, *Tlön* e *Mle'khnas*. Nada além conseguiram encontrar, Borges e seu amigo, e as poucas referências mencionadas no artigo não constavam de nenhuma coleção, fosse nas Américas fosse na Europa. O conhecimento sobre *Uqbar* deu um grande salto quando Borges colocou as mãos em um estranho volume, intitulado *A First Encyclopedia of Tlön*, vol. IX (from Hlaer to Jangr). O volume gerou certa comoção, e alguns estudos, mas muito restava a ser descoberto: era apenas o volume nove, mas de quantos? Foi quando um de seus colegas sugeriu que se inventasse o resto, se completasse o conhecimento sobre *Tlön*. Foi criada uma língua, uma filosofia, uma ciência, uma história, tudo muito particular e excêntrico. Tal foi o esforço na criação de *Tlön* que esse mundo - esse universo - era tudo, menos real. Em um pós-escrito (fictício) de 1947, Borges nos informa que, através de uma carta, foi descoberto que *Tlön* e *Uqbar* eram fictícios, que a enciclopédia havia sido projetada por uma sociedade secreta. De pouco importou: o Borges fictício nos anuncia chocado que, tão grande fora o fascínio com o mundo imaginário, que a terra havia se tornado *Tlön*. Sua língua primitiva (conjectural) era ensinada nas escolas; a filosofia e a visão de história de *Tlön* se tornaram parte do currículo. Borges conclui:

Hace diez años bastaba cualquier simetría con apariencia de orden -el materialismo dialéctico, el antisemitismo, el nazismo- para embelesar a los hombres. ¿Cómo no someterse a *Tlön*, a la minuciosa y vasta evidencia de un planeta ordenado?⁴⁴

⁴³ BORGES, J. L. "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius." in *Ficciones*, Buenos Aires: Emecé Editores, 1967, p. 13-34.

⁴⁴ *Ibid.* p. 33.

Em uma armadilha semelhante caiu o estudo dos povos bárbaros para além das fronteiras romanas. Está em tempo de virar esta página.

Autor convidado, artigo recebido em 19 de junho de 2013.